

## Autismo e Método ABA

Vanessa Rodrigues Silveira<sup>(1)</sup>; Ângela Maria Azevedo Moraes<sup>(2)</sup>; Jasiele Aparecida de Oliveira Silva<sup>(3)</sup>

<sup>1</sup> Vanessa Rodrigues Silveira, Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário de Itajubá – FEPI  
vanessa1987silveira@gmail.com

<sup>2</sup> Ângela Maria Azevedo Moraes, Professora do curso de Pedagogia do Centro, Especialização em Docência do Ensino Superior angela\_mam@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Jasiele Aparecida de Oliveira Silva, Professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Itajubá – FEPI, Mestre em Educação jasielle\_oliveira@yahoo.com.br

### RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar se o Método ABA – Análise Comportamental Aplicada – é eficaz para a aprendizagem de crianças autistas na Educação Infantil, uma vez que há uma necessidade constante de estudos sobre a temática, pois o mesmo ainda se encontra em descobertas. A pesquisa se constitui de uma revisão bibliográfica dos artigos Científicos dos últimos sete anos sobre a temática, tendo como base de dados a Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), livros. O resultado do trabalho demonstrou que o Método Análise Comportamental Aplicada – ABA pode ser eficaz no processo de aprendizagem no contexto escolar de crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista – TEA. Portanto podemos concluir que as leituras realizadas demonstraram que o Método ABA traz como resultados a redução de comportamentos inadequados, reduzem os prejuízos existentes nas áreas do desenvolvimento de forma geral, colaborando para o conforto do aluno no ambiente escolar facilitando no processo de aprendizagem do mesmo.

Palavras-chave: Aprendizagem. Autismo. ABA.

### INTRODUÇÃO

A palavra autismo é de origem grega (*autós*), que significa por si mesmo. É um termo usado, dentro da psiquiatria, para denominar comportamentos humanos que se centralizam em si mesmos, voltados para o próprio indivíduo (ORRÚ, 2012). Cunha (2015) diz que o termo Autismo foi utilizado pela primeira vez pelo psiquiatra E. Bleuler, em 1911. O mesmo autor ainda cita que o autismo requer a observação em alguns comportamentos agrupados, denominado por ele de tríade principal, que são comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades restrito-repetitivas.

Na década de 40, Kanner estudou o caso de algumas crianças que apresentavam comportamentos estranhos (ORRÚ, 2012). Por sua vez, Chiote (2015) diz que o estudo feito por Kanner, onde ele observou o comportamento de onze crianças, que apresentaram inaptidão no relacionamento interpessoal, comportamento no qual às

diferenciavam de outras síndromes psiquiátricas, como a esquizofrenia.

De acordo com a Lei de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista de nº 12.764/12, é considerado Transtorno do Espectro Autista (TEA) pessoas que apresentam alguns comportamentos específicos e certos tipos de deficiências. Uma das características são: pessoas com deficiência significativa na comunicação e interação social, manifestada por dificuldades de comunicação verbal e não verbal, dificuldades para desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento, comportamentos restritos e muitas vezes estereotipados.

De acordo com DSM-IV-TR a taxa média de prevalência do TEA nos estudos epidemiológicos era de 15 casos por 10.000 indivíduos. Hoje essa taxa de prevalência cresceu consideravelmente, pesquisas apontam 1 caso a cada 100 ou 150 nascimentos, sendo entre quatro a cinco vezes mais comum em meninos. (CUNHA, 2015).

Gómez, Terán (2014) acrescenta que junto às comorbidades associadas ao autismo pode-se citar também o retardo mental, mesmo não sendo uma característica da Síndrome Autística, uma porcentagem das pessoas com autismo podem apresentar o retardo mental como uma característica.

Os autores ainda afirmam que a prevenção precoce é essencial, uma dificuldade tratada no primeiro ano de vida tem 95% de possibilidade de cura, essas mesmas possibilidades são reduzidas a partir do terceiro ano de vida e após o quinto ano é altamente frustrada. Com a intervenção precoce, as crianças com autismo e seus familiares são amplamente beneficiados com os resultados que poderão obter. Teixeira (2013) enfatiza sobre um dos problemas no tratamento do TEA, a demora para identificar e diagnosticar o transtorno em uma criança. “Quanto mais cedo identificado o problema, melhor!” (TEIXEIRA, 2013, p. 179).

Vale ressaltar a contribuição de Cunha (2015) ao afirmar que muitos casos de autismo são percebidos no ambiente escolar e a atuação do profissional da escola é fundamental neste processo, é de extrema importância o profissional observar e instigar a causa dos comportamentos inadequados e suas razões.

Teixeira (2013) aponta que um tratamento comportamental que tem sido destaque pelo sucesso nas intervenções denominado de Análise do Comportamento Aplicado – ABA (abreviação de Applied Behavior Analysis).

O método Análise do Comportamento Aplicada – ABA tem sido o método de intervenção bastante pesquisado e amplamente adotado para promover benefícios na vida de pessoas com TEA. Para compreender o ABA, enquanto método de intervenção, faz-se necessário obter um claro entendimento de sua base conceitual e dos princípios do comportamento que requer sua prática e que fazem desta uma abordagem de intervenção efetiva, em especial em pessoas com TEA (CAMARGO; RISPOLI, 2013).

De acordo com Neto et al (2013, p. 137) “A terapia ABA tem sido a com melhores resultados, pois recorre-se à observação e à avaliação do comportamento do indivíduo, no sentido de potencializar a sua aprendizagem e promover o seu desenvolvimento e autonomia.” Isso vem ao encontro de Fazzio (2012) afirma que o método ABA é o único tipo de intervenção estudado e comprovado em termo de seus resultados, que apresentam melhoras significativas no desenvolvimento da criança, que chegam a atingir a idade escolar com desenvolvimento comparável ao de uma criança com desenvolvimento típico.

Teixeira (2013) aborda que o método ABA constitui-se na compreensão do

comportamento da criança e em sua interação com o ambiente e pessoas de seu convívio. A

partir disto são desenvolvidas estratégias para corrigir comportamentos inadequados e estimular comportamentos assertivos. O uso de reforçadores e recompensas é uma estratégia utilizada que favorece, de forma ampla, no sucesso do método.

O Ministério da Saúde (2015) acrescenta que esse método atua também para redução de comportamentos estereotipados, agressividade entre outros comportamentos inadequados, podendo ser substituídos por novos comportamentos mais aceitáveis, servindo para os mesmos propósitos, porém, de um modo mais eficaz.

Ao abordar sobre a forma correta de utilizar o método, Fazzio (2012) explica que inicialmente é feita uma avaliação da criança e uma reunião com os pais para juntos definirem o que é prioridade inicial. E faz-se necessário estar sempre reavaliando a criança para analisar se está sendo alcançado o objetivo proposto ou se há necessidade de alguma modificação das intervenções.

“Sabe-se que o método ABA possui grande suporte científico, e tem sido o método de intervenção mais pesquisado e amplamente adotado, sobretudo nos Estados Unidos, para promover a qualidade de vida de pessoas com o transtorno do espectro autista” (VARELA; MACHADO, 2016, p. 35).

## MATERIAL E MÉTODOS

Para descrever este artigo foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando livros, revistas e outros artigos. Segundo Gil (2010) a pesquisa bibliográfica é elaborada com base em material já publicado. Inclui-se material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. São várias as vantagens existentes com relação à pesquisa bibliográfica, mas de acordo com Gil a principal vantagem dessa pesquisa é a de permitir ao investigador uma cobertura mais ampla do que a que poderia pesquisar diretamente.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos realizados nessa pesquisa, contribuíram para uma maior percepção sobre a importância dos Profissionais da Educação terem conhecimentos sobre as características, intervenções e comorbidades do TEA, saberem reconhecer a individualidade de cada aluno portador do transtorno, assim aprendendo a lidar com seus alunos e procurar estratégias e adaptações necessárias para promover a aprendizagem no âmbito escolar.

Com base no

esboço literal foi possível observar os benefícios que a ABA pode proporcionar para indivíduos portadores do Transtorno do Espectro Autista – TEA, sejam eles crianças ou adultos, no processo de aprendizagem. A importância do papel de um profissional especializado para estar mediando durante esse processo garantindo que a intervenção seja feita de maneira correta, assim obtendo sucesso em seu resultado.

## CONCLUSÕES

Pode-se concluir que esta pesquisa alcançou o objetivo proposto (Verificar através de pesquisas bibliográficas se o ABA é eficaz para a aprendizagem de crianças autistas na Educação Infantil), destacando que a ABA pode ser eficaz no processo de aprendizagem, das crianças com TEA, na Educação Infantil. Na discussão, confrontar os resultados com os dados obtidos na bibliografia.

## REFERÊNCIAS

CAMARGO, S. P. H.; RISPOLI, M. Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos. **Revista Educação especial**. v. 26, n. 47, p. 639-650. Set/dez 2013.

CUNHA, E. **Autismo e inclusão:** psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 6 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

CHIOTE, F. de A. B. **Inclusão da criança com autismo na educação infantil:** trabalhando a mediação pedagógica. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015.

GÓMEZ, A. M. S.; TERÁN, N. E. **Transtornos de aprendizagem e autismo.** São Paulo: Cultura, 2014.

JUNIOR, P. PRECONCEITO: Um mal que só pode ser combatido com informação. **Revista AUTISMO Informação gerando ação.** Ano II, n. 2. Abril de 2012. FAZZIO, D. O Verdadeiro ABA: Um Programa Público Modelo de Intervenção Comportamental Precoce Para Crianças Com Autismo. Página 15.

NETO, O. P. da S.; CARVALHO, P. T. de S. e; SOUZA, A. R. R. de S. E-kids: uma ferramenta no Auxílio da Aprendizagem de Crianças Portadoras de Disfunção Global do Desenvolvimento (Autista), baseada no método ABA, 2013.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação:** Interação social no cotidiano escolar. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.

TEIXEIRA, G. **Manual dos transtornos escolares:** Entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola. 2 ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

VARELA, B.; MACHADO, P. G. B. Uma breve introdução sobre autismo. **Revistas Unibrasil,** 2016.

**Linha de cuidado para a atenção às pessoas com Transtornos do Espectro do Autismo e suas famílias na rede de atenção psicossocial do sistema único de saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2015.

## **EDUCAÇÃO PARA O PENSAR NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO**

**Natanael dos Santos Silva** <sup>(1)</sup>; **Elizabeth da Silva** <sup>(2)</sup>

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Pedagogia do Centro Universitário de Itajubá, natanael031292.ribeiro@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Mestra de Graduação na instituição Centro Universitário de Itajubá, elizabethfai@hotmail.com

---

### RESUMO

O presente trabalho de pesquisa visa investigar as transformações ocorridas no processo de ensino/aprendizagem mediante a aplicação do modelo curricular “Filosofia para crianças — Educação para o pensar” na Escola Estadual Sebastião Pereira Machado, localizada na cidade de Piranguinho, sul de Minas Gerais. A pesquisa se desenvolve por meio de revisão bibliográfica de autores como Sharp (1999), Lipman (2001) entre outros autores, e por meio de entrevista oral realizada juntamente com o professor Dr. João Bosco Fernandes, idealizador da implantação da didática de Lipman na rede pública. Nesse sentido, são abordadas as principais transformações que ocorrem na adesão dessa metodologia, a importância de um ensino respaldado pela prática de uma educação de cunho Construtivista, que propõe, em sua temática o aprimoramento da criticidade, da autonomia, do ensino significativo ao educando pelo decorrer do processo educativo.

Palavras-chave: Educação Significativa; Autonomia; Metodologia; Filosofia.

---

### INTRODUÇÃO

Considerar a realidade do aluno, sua vida em comunidade e sua interação com o grupo é fator determinante nos estudos de teóricos como Freire (1986), Vygotsky (1994), Dewey (1959) e Lipman (2001). Matthew Lipman, na década de 60, demonstra que é necessário refletir, pensar e não decorar conteúdos já prontos e sistematizados pelo professor ou paradigmas da sociedade em si. Assim, é necessário não apenas pensar, mas educar para que se pense bem. Nesse sentido, preconiza-se a formação de um currículo disciplinar voltado à Filosofia; não sendo apenas mais uma disciplina escolar, mas sim trazer o conceito filosófico para todas as matérias da grade disciplinar.

Tal proposta chega ao Brasil em meados dos anos 80, por meio de Catherine Young (SANTOS, 2012).

Advindo de um contexto de escolas pautadas pelo ensino Behaviorista, próprio da prática pedagógica americana (FRANCO, 1991), Lipman apresenta a proposta de uma escola que atende aos padrões de ensino, a reflexão acerca da importância de se manter dentro de padrões éticos-sociais voltados ao altruísmo e à sensibilidade sobre as coisas e os outros, no sentido de melhorar e aproximar os alunos do

conhecimento e do processo de ensino/aprendizagem.

Pode-se observar que todos, inclusive as crianças, precisam ser educados e preparados “para lidar com situações que, no entanto exigem que se façam escolhas e aceite a responsabilidade pelas escolhas” (LIPMAN, 2001, p.215) e sobretudo que os “capacite a perceber os interesses das outras pessoas nas situações em que estão envolvidas e a terem consciência de suas próprias necessidades emocionais” (LIPMAN, 2001, p.216). Essa direção à reflexão filosófica auxilia a transformação de pensamento que não se mantém no individualismo.

O pensamento crítico só torna pensamento filosófico quando é consciente das limitações dos seus próprios padrões críticos (LIPMAN, 2001, p.182).

Segundo o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, desenvolvedor da tese da sociedade ser “pós-moderna líquida” (BAUMAN, 2001), as pessoas são cheias de informações pelo fluxo que a rede de internet proporciona, porém, detentoras de pouco conhecimento. Nesse sentido, tecem críticas a respeito de

tudo, até sobre o que não se tem um conhecimento específico opinam com “criticidade”(grifo nosso), mas sem um pensar mais abrangente, embasado e mais subjetivo.

Em uma sociedade democrática, é assegurado às pessoas que tenham e (com motivo) expressem suas próprias opiniões. Contudo, deve-se sempre lembrar que opiniões são apenas o início de uma investigação cuidadosa, que é essencial se pretendemos nos tornar responsáveis por nossas idéias (SHARP, 1999, p.95).

A fase da infância é uma fase de investigação, de deslumbramento inconstante pelas coisas, pelo mundo (LIPMAN, 2001). Por essa habilidade de curiosidade, a filosofia, que propõe uma reflexão disciplinada acerca de assuntos diversos, pode ser um instrumento de transformação esplendida. Esse conjunto de ligações fez com que Lipman propusesse, portanto, o programa “Filosofia para Crianças – Educação para o pensar”.

Segundo Lipman (2001) esse é um modelo curricular que faz com que cada disciplina tenha que reconhecer suas conexões com o conhecimento humano, sendo uma educação significativa. Assim, se propõe um método investigativo em todas as matérias da grade disciplinar, evidenciando a importância da transdisciplinaridade, para que haja uma “reflexão geral da experiência” (LIPMAN, 2001, p. 49) entre as diversas áreas do saber, desmitificando o discurso errôneo de que, aquilo que se aprende na escola é para aplicação de um teste escolar. A ideia de um

currículo voltado para a memorização dos conteúdos afeta drasticamente a noção de inferência nas crianças [...] faz com que a criança não entenda o todo e esmaga a possibilidade de investigação (LIPMAN, 2001, p.93).

Para Nidelcoff (NIDELCOFF, 1978, p. 41), o interessante é “aprender aquilo que serve para alguma coisa, ou seja para atuar e não o saber pelo saber em si”.

A premissa de um ensino próximo à realidade do educando há de ser evidenciada, tornando-o mais significativo e interessante já que “a ideia de que uma atividade pode ser considerada educacional, mesmo que não faça nenhum sentido para os alunos, é absurda” (SHARP, 1999, p.99).

Portanto,

A Filosofia incentiva os recursos intelectuais e a flexibilidade que podem capacitar as crianças e os professores a enfrentarem a descontinuidade e fragmentação dos currículos existentes (LIPMAN, 2001, p.51).

Assim como a falta de dialética nas relações de aprender e ensinar em parceria. Pois,

A fragmentação e um resultante senso de desconexão são exacerbados por modos tradicionais de ensino que dão aos alunos pouco acesso às idéias e pensamentos de seus parceiros (SHARP, 1999, p. 102).

A Filosofia para Crianças, segundo Sharp (1999) tem o objetivo de trazer a filosofia como algo “acessível e atrativo para crianças que então serão capazes de apropriar-se dela e portanto adquirir ferramentas, habilidades e disposições de que precisam para pensar por si mesmas” (SHARP, 1999, p. 131). Portanto, uma prática de ensino que promova, cada vez mais, a transformação dos educandos em sujeitos ativos de sua aprendizagem, aprendendo de forma significativa e adquirindo um pensar autônomo. Muito além de uma aprendizagem monótona e desinteressante. A filosofia beneficia formular conceitos, eliminar a aceitação passiva e estabelecer mediante debates e a dialética de ideias, visões mais amplas de assuntos sociais. Para isso o professor deve transformar a sala de aula em uma “comunidade de investigação” juntamente com “a prontidão para a razão, o respeito mútuo e a ausência de doutrinação” (LIPMAN, 2001, p. 72).

Essa é a oportunidade para que os pensamentos possam ser trabalhados a se tornem autônomos, estabelecendo “ambientes em que predomine o questionamento aberto” (SHARP, 1999, p.78) mas também, que se desenvolva um “espírito de cooperação, cuidado, confiança, segurança e senso de objetivo comum” para com os demais indivíduos (SHARP, 1999, p.31). Segundo a autora, uma investigação criteriosa em relação aos fatos, invoca a prática da autocorreção e induz para um ponto unificador, ou seja, problemáticas que estão dentro do contexto social e próprio da faixa etária das crianças ou jovens, estabelecendo uma conclusão mais profunda e cheia de fatores *a priori*; leva a uma compreensão ponderada e rica em pontos de vista, que beneficia os participantes com uma perspectiva mais abrangente acerca da provocativa inicial.

Em uma comunidade de investigação, tem que se enfatizar o uso e respeito da opinião alheia, desenvolver o gosto pela reflexão criteriosa, mas também consciência de quando se estiver errado deve-se desenvolver a autocorreção de das ideias e opiniões infundadas e verificar que as opiniões não são verdades dogmáticas.

“Comunidades de investigação dão todo o espaço necessário para os impulsos criativos e imaginativos das crianças. Mas os participantes de tais comunidades devem ficar cientes de que seus pensamentos e visões de mundo não definem os limites do conhecimento e compreensão humanos.

Mesmo que “qualquer assunto pode ser ensinado eficazmente, de alguma forma intelectualmente honesta, para qualquer criança em qualquer estado do desenvolvimento” (BRUNER, 1986, p.31) há que se facilitar essa aprendizagem.

Como o vocabulário filosófico contido em livros é intimidador e muitas vezes de difícil compreensão, até mesmo para adultos que já atingiram o estágio do Pensamento Formal (PIAGET, 1967), Lipman juntamente com o IAPC (Instituto para o Avanço de Filosofia para Crianças) desenvolvem novelas filosóficas que constituem uma forma de expor os alunos às ideias e conceitos filosóficos, abordando questões afetivas e cognitivas da vida humana entrelaçados em todos os momentos”

Em Piranguinho, cidade do sul de Minas Gerais, a proposta de ensino voltada para a educação para o pensar é implantada, na rede pública, primeiramente na Escola Estadual Sebastião Pereira Machado que atende alunos do Ensino Fundamental II e Médio, nos anos 90, por intermédio do professor Dr. João Bosco Fernandes. As comunidades de investigação foram implantadas para aprimorar o senso crítico, a capacidade de argumentação e de visão de mundo, fazendo uso das novelas filosóficas.

As novelas ajudam os estudantes, pois trazem questões a serem discutidas por meio de exemplos mais próximos da realidade vivenciada pelos educandos.

As novelas também fornecem modelos de investigação, de cooperação de sensibilidade e cuidado. Isso ajuda os estudantes a perceberem a viabilidade de uma comunidade ideal de crianças em que os participantes estão envolvidos intelectualmente e emocionalmente em uma forma ativa e vívida (LIPMAN, 2001, p.228).

As novelas criadas por Lipman são fundamentais para que haja a dialética, e

assim, um diálogo eficaz, auxiliando aquele estudante que, por exemplo, apresente um bloqueio ao escrever uma poesia ou um texto literário. A novela, por meio das discussões em sala de aula e exercícios bem escolhidos, pode ajudar a desfazer o bloqueio e facilitar a produção desse estudante.

Nesse mesmo aspecto de aprendizagem, os alunos são educados a raciocinar sobre aquilo que não está de forma explícita nas novelas, ou até mesmo dentro de uma comunidade de investigação. No manual para professores, que acompanha o material didático, faz-se referência às perguntas que o professor deve propor para o debate, a fim de investigar o real significado de uma colocação (LIPMAN, 2001).

## MATERIAL E MÉTODOS

A presente pesquisa é de cunho investigativo com revisão bibliográfica e entrevista oral concedida pelo idealizador da implantação da metodologia de Lipman na Escola Estadual Sebastião Pereira Machado, professor Dr. João Bosco a fim de se analisar as transformações ocorridas na dinâmica do processo de ensino/aprendizagem.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento foram analisados livros de Matthew Lipman (2001), Ann Margareth Sharp (1999), entre outros. Também foram analisadas outras mídias disponibilizadas na rede, bem como a realização de entrevista oral com o professor Dr. João Bosco Fernandes.

A proposta implantada, segundo o professor, se deu por intermédio de um apoio financeiro da Secretaria de Estado da Educação a um projeto apresentado pela Escola Estadual Sebastião Pereira Machado, que propunha a implantação de uma nova disciplina na grade curricular, no final da década de 90 do sec. XX. Por meio dessa iniciativa, o professor João Bosco, conhecedor e praticante da didática Lipminiana em suas aulas de Ensino Religioso e de Filosofia no ensino fundamental II e ensino médio, respectivamente, foi indicado para assumir a execução desse projeto. Não obstante, todos os professores da instituição de educação supracitada, foram apresentados à proposta e formados para colocarem a metodologia em suas aulas. Então toda grade curricular foi transformada pela prática e as classes se transformaram em comunidades de investigação, pelo respaldo de caráter interdisciplinar da filosofia como instrumento da aprendizagem, já que conforme Lipman (2001) a filosofia leva a formulação de conceitos, apreciação de ideias e os argumentos serem formados com lógica.

O plano de ensino foi recebido com uma certa desconfiança por alguns professores, mas como relata o professor João Bosco, em sua maioria, os educadores aderiram bem à proposta, e com o decorrer do processo de adaptação, os professores mais receiosos acabaram percebendo que a qualidade do método era inquestionável.

O processo de aprendizagem passa primeiramente pelo ensino: os professores têm que se adequar e se empenhar em sua formação para o êxito em suas aulas e aderir ao papel de um “professor provocativo, questionador, impaciente com o pensamento descuidado” para que os educandos sejam transformados em “um grupo de estudantes ávidos por se envolverem em um diálogo que desafie a pensar e produzir ideias” (LIPMAN, 2001, p.143). Conforme Sharp (1999), uma das marcas da comunidade de investigação é o interesse do professor em respeitar as ideias do educando.

Os professores de filosofia, como lembra João Bosco, percebiam de imediato que os alunos eram mais cautelosos em seus discursos. Relata que os professores de outras disciplinas percebiam a construção de ideias cada vez mais coerente e coesa nas falas, bem como nas respostas dadas aos questionamentos feitos pelos educadores. Conforme Lipman destaca, isso se dá em função da transformação que a filosofia propicia “os filósofos avaliam e reexaminam suas próprias pressuposições, questionam o que as outras pessoas normalmente têm como certo e especulam imaginativamente sobre quadros de referência cada vez mais amplo” (LIPMAN, 2001, p.143).

Conforme os pensadores da Filosofia para Crianças, e mesmo educador Paulo Freire (FREIRE, 1987) defendia a educação significativa não é apenas interdisciplinar, mas tem que ser também transdisciplinar, de preparação para um sujeito ativo na vida social, proporcionando a reflexão para se emitir juízo de valor. Assim as crianças “serão capazes de realizar bons julgamentos e dificilmente agirão de maneira inadequada ou sem consideração” (LIPMAN, 2001, p.35). Acredita-se que dessa forma, são capazes de estabelecer não apenas o respeito com colegas e professores, mas também validando em seus demais contatos uma forma polida de agir e se manifestar.

## CONCLUSÕES

Com revisão parcial dos autores da metodologia alvo da pesquisa e a entrevista oral, pode-se concluir que o método de ensino Lipmaniano valida de forma significativa a

aprendizagem de modelo construtivista, respaldado na reflexão filosófica, transformando o pensar, em um pensar organizado e polido. As mazelas sociais são colocadas em plano de fácil entendimento e de tentativa, com êxito, de se aproximar de discussões que se caminham para o campo da ação, ou seja, a educação seguindo os modelos do currículo Filosofia para Crianças, se compromete a estabelecer a verdadeira função da educação, que transcende a absorção de informações, indo mais além, trabalhando com o senso crítico de questionamento e adentrando na transformação de cidadãos consciente de seu real papel em sociedade.

## AGRADECIMENTO

Agradeço à FAPEMIG pela concessão da bolsa.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- DEWEY, J. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação**. 3. ed. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LIPMAN, M.; SHARP, A. M.; OSCANYAN, F.S. **A filosofia na sala de aula**. Tradução de Ana Luiza Fernandes Marcondes. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.
- NIDELCOFF, M. T. **Uma Escola para o Povo**, 14. ed. São Paulo, Brasiliense.
- PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Trad. Maria A.M. D’Amorim; Paulo S.L. Silva. Rio de Janeiro: Forense, 1967
- SPLITTER, L. e SHARP, Ann M. **Uma nova educação: a comunidade de investigação na sala de Aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1999.
- SANTOS, L. O. **O surgimento do programa filosofia para crianças no Brasil**. Disponível em <https://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/12153/o-surgimento-do-programa-filosofia-para-criancas-no-brasil>, acessado em 05 de janeiro de 2017.
- VYGOTSKY, L. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

## TÍTULO: Ensino e aprendizagem por meio do lúdico na educação infantil

**Irene Raquel Santana Rodrigues**<sup>(1)</sup>; **Rosângela Benedita Ribeiro**<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup>irene.raquels2@gmail.com -

Centro Universitário de Itajubá – Pedagogia; <sup>(2)</sup>roribeirodm@gmail.com – Centro Universitário de Itajubá.

---

### RESUMO

A partir desse trabalho objetiva-se analisar a importância do lúdico e sua contribuição no processo ensino e aprendizagem de crianças que estão iniciando a escolarização. Tendo em vista que ludicidade está presente como uma característica típica de crianças, especialmente dos zero aos cinco anos de idade, que se encontram na Educação infantil. O trabalho é uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo, no qual foi constatado que a ludicidade ao ser considerada dentro das propostas pedagógicas é um rico instrumento, que propicia o aprender por meio de experiências prazerosas.

Palavras-chave: Ludicidade. Criança. Ensino e aprendizagem.

---

### INTRODUÇÃO

Em vários momentos da história da sociedade é possível perceber o interesse do ser humano em praticar atividades que proporcionem divertimento e propicie interação entre as pessoas, por meio do lúdico isso se torna possível. A infância considerada uma etapa crucial do desenvolvimento se destaca por ter a ludicidade como grande atrativo. O processo de ensino e aprendizagem com a utilização de metodologias voltadas para os jogos, brincadeiras e brinquedos no âmbito escolar da Educação Infantil (EI) e sua importância, constitui como tema do presente trabalho acadêmico.

Nesse contexto, a pesquisa realizada tem como finalidade analisar as contribuições do lúdico para o processo de ensino e aprendizagem de crianças da EI, evidenciando sua importância na produção de conhecimento. Atribuindo resposta à indagação: Quais as reais contribuições da ludicidade para aprendizagem de crianças da Educação Infantil?

Logo, o trabalho pretende elucidar sobre a importância do lúdico, garantido na proposta pedagógica do professor como uma ferramenta que fornece motivação e contribui para a adaptação e socialização, facilitando o processo ensino e aprendizagem de crianças na EI.

A escolha da temática se deu em virtude de uma experiência vivenciada por meio da observação da rotina escolar, durante o estágio obrigatório no segmento da EI, onde foi possível perceber que a ludicidade está presente nas ações infantis independentemente do reconhecimento do professor; pois ao adentrar os portões da escola a criança, ocasionalmente, passa a ser vista como “aluno” tendo que se adequar as regras da instituição, onde o movimento, a brincadeira e a espontaneidade que são características típicas de crianças, especialmente dos zero aos cinco anos, são desconsideradas.

Esses fatos despertaram a necessidade em aprofundar os estudos sobre o lúdico e a suas reais contribuições na aquisição do conhecimento de crianças na EI, com o intuito de elucidar o fato de que o lúdico caso seja considerado nas propostas pedagógicas dos docentes é um método muito eficaz para que a criança possa descobrir, experimentar, inventar e desenvolver em seus mais diversos aspectos.

Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico pautada na leitura e análise de livros e artigos, de autores que embasaram seus estudos sobre a temática em teóricos como: Piaget e Vigotski:

Kishimoto, Friedmann, Kramer e Piaget. E em documentos orientadores da Educação Infantil. Estruturado em três capítulos.

O primeiro capítulo apresenta a definição do termo lúdico, aborda a ligação existente entre a concepção de infância de cada período histórico e o reflexo dessas concepções na forma de conceber a ludicidade, discorrendo sobre como os jogos, brinquedos e brincadeiras eram vistos e utilizados em cada um desses momentos da história. Contribuíram para a construção deste capítulo autores como Barros, Oliveira e Wajskop.

No segundo capítulo, é abordada uma breve contextualização da EI, desde seu surgimento até ser considerada como parte integrante da Educação Básica, discorrendo sobre importância dessa etapa escolar para o desenvolvimento da criança, considerando os documentos oficiais regulamentares da educação nesse segmento. Na elaboração deste capítulo destaca-se os acervos teóricos de Machado, Kishimoto e Oliveira.

E finalmente, no terceiro capítulo faz-se um estudo sobre a ludicidade como especificidade na EI, considerando as contribuições das metodologias lúdicas para o processo de ensino e aprendizagem, incluindo os diversos âmbitos envolvidos, escola, família e professor. Que possui no subtítulo o estudo de pesquisas de âmbito nacional da base SciELO e o que elas revelam sobre o lúdico na educação formal das crianças, comprovando por meio de relatos de experiências os benefícios dessa metodologia.

Com a presente pesquisa espera-se contribuir com a reflexão sobre a importância da garantia do lúdico nas propostas educacionais, a fim de favorecer o processo de ensino e aprendizagem. Reconhecendo o quanto o papel do professor é importante na oferta de um ambiente educacional agradável e que proporcione um ensino de qualidade, colaborando para formação de alunos ativos, capazes de construir seu próprio conhecimento.

## MATERIAL E MÉTODOS

Para Echer (2001) a revisão de literatura é importante e fundamental na realização de um trabalho de cunho científico. O sucesso da pesquisa ocorre na medida em que existe credibilidade sobre a importância do estudo em foco. O percurso para elaboração do trabalho remete a relatos aproveitáveis que conduziram as ideias a serem discutidas e analisadas.

Para realizações desse trabalho a metodologia selecionada é qualitativa de cunho bibliográfico pautada na leitura, análise e produção textual sobre a temática, organizada em capítulos para os quais se propõem descobrir se a ludicidade pode contribuir no processo ensino e aprendizagem de crianças na Educação Infantil.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio do trabalho verificou-se que o lúdico esteve sempre presente nas ações infantis, sofrendo mudanças na sua concepção, na medida em que a infância passou a ser considerada como uma etapa significativa do desenvolvimento a ludicidade passou a ser vista como algo de suma importância, tendo em vista que é detentora de grande interesse nas crianças, podendo se tornar um riquíssimo instrumento pedagógico ao ser considerado pela escola e pelo professor.

## CONCLUSÕES

Por meio deste trabalho verificou-se que o lúdico esteve presente nas ações infantis até mesmo no período da antiguidade, em determinado momento restringido, até surgirem modificações quanto o interesse da sociedade e o seu valor ser levado em consideração. Sendo assim, com o passar dos anos cada vez mais estudos sobre a criança demonstraram a importância da brincadeira para o seu desenvolvimento, contribuindo no aspecto afetivo, possibilitando a interação e estreitando relações, no aspecto físico, permitindo o movimento e no aspecto cognitivo, proporcionando experiências significativas e a construção do conhecimento. Surgindo preocupações quanto ao cuidar e educar de forma indissociável, considerando a infância como etapa de pleno desenvolvimento, onde as necessidades e características precisam ser consideradas, ou seja, faz-se necessário uma educação que potencialize os aspectos cruciais da criança.

Desta forma, foi possível, também, por meio da análise bibliográfica evidenciar a importância do brincar na Educação Infantil, na medida em que isso possibilita o interesse, sendo então um grande estímulo para a aprendizagem. Proporcionando a interação, a busca pelo conhecimento de forma prazerosa e a vivência de experiências.

A EI como parte integrante da Educação Básica, isto é, como o início da jornada escolar, é responsável na garantia de

propostas lúdicas, várias leis foram criadas para reger os direitos da infância de modo que essa garantia seja efetivada.

A ludicidade então é considerada uma especificidade da EI tendo em vista que nesse segmento da educação encontram-se as crianças de 0 a 5 anos de idade que estão em pleno desenvolvimento e são caracterizadas pelo ativo interesse pelas brincadeiras e jogos. Por isso existe a importância em considerar o lúdico nas propostas pedagógicas, como um rico instrumento no processo de ensino e aprendizagem.

O papel do professor na garantia do lúdico no cotidiano infantil é de suma importância, exerce a função de disponibilizar brinquedos e jogos com objetivos educacionais, em diversas situações, sendo mediador, possibilitando a vivência de momentos prazerosos e de ricas experiências.

A pesquisa foi de grande valia, possibilitou-me ter uma visão ampla sobre a temática, e por meio das categorias de análise apresentadas no último capítulo realizadas na base SciELO, foi possível perceber relatos de experiências, e estudos recentes, que comprovam e exemplificam a importância do professor trabalhar com metodologias lúdicas, possibilitando o desenvolvimento físico, afetivo e cognitivo, contribuindo para que a aprendizagem ocorra de forma significativa. Sendo assim, é essencial garantir nas propostas pedagógicas o brincar, estimulando e motivando na criança a busca pelo conhecimento.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, C.S. de; BEZERRA J. A. B. **O lúdico, a escola e a saúde: a educação alimentar no gibi.** Rio de Janeiro, 2016.

AZEVEDO, N. C. S; BETTI M. **Escola de tempo integral e ludicidade:** os pontos de vista de alunos do 1º ano do ensino fundamental. Brasília, 2014.

BARROS, F. C. O. M. de. **Cadê o brincar:** Da educação infantil para o ensino fundamental. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEB, 2010.

ECHER, I. C.. A revisão de literatura na construção do trabalho científico. Revista gaúcha Enferm., Porto Alegre, v.22, n.2, p.5-20, jul. 2001.

KISHIMOTO, T. M; PINAZZA M. A; MORGADO R.de F; TOYOFUKI C. K. R. **Jogo e letramento.** São Paulo, 2011.

PEREIRA, C.R.D. **O brincar enquanto possibilidade de aprender.** UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ- UNESPAR Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras, 2013.

SCARIN, A. C. C. F. **O lúdico e a ampliação de perspectivas em atividades pedagógicas.** São Paulo, 2016.

## A importância da música na Educação Infantil

**Ana Cláudia Machado Simões<sup>(1)</sup>; Elizabeth da Silva<sup>(2)</sup>**

<sup>1</sup> Graduada do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Itajubá, [aninhamachadosimoes@hotmail.com](mailto:aninhamachadosimoes@hotmail.com).

<sup>2</sup> Professora Mestra de Graduação na instituição Centro Universitário de Itajubá - FEPI, [elizabethfai@hotmail.com](mailto:elizabethfai@hotmail.com)

---

### RESUMO

A música é uma forma de expressão de arte utilizada pela sociedade e que pode ser aplicada nas escolas para o desenvolvimento dos alunos. Esta pesquisa busca investigar os benefícios da utilização da música com alunos da Educação Infantil e verificar como esta ferramenta é utilizada por alguns profissionais da educação. O trabalho se realiza por meio de uma revisão bibliográfica constituindo a base teórica, fundamentando-se em teóricos e documentos oficiais que discorrem sobre a temática e ainda por meio de pesquisa de campo, envolvendo coordenadores, professores regentes e professores de música de escolas públicas e particulares do sul de Minas Gerais que trabalham com a Educação Infantil. As análises desses materiais de pesquisa permitem concluir que a música deve ser amplamente trabalhada na Educação Infantil, uma vez que por meio dela as crianças desenvolvem a comunicação, a sensibilidade e a criatividade. As entrevistas realizadas demonstram que muitos professores reconhecem a importância dessa ferramenta em seu trabalho pedagógico, mas por vezes não a utilizam de maneira adequada. Nesse sentido, esta pesquisa pretende contribuir como suporte para a melhoria da prática docente, oferecendo um respaldo para a atuação na Educação Infantil.

Palavras-chave: Música. Educação. Desenvolvimento infantil.

---

### INTRODUÇÃO

A música está presente em todas as culturas. Seja em cerimônias, festas e ritos, ela permite a expressão de sentimentos e comunicação entre as pessoas. “A música que nos transmite sensações, emoção ao ouvir, cantar ou dançar, a música que nos aproxima das vibrações ou da escuta musical é a mesma que dialoga com o corpo, que evoca a linguagem, cria fantasias e possibilita a toda pessoa descobrir-se a si própria e ao mesmo tempo se revelando ao outro, inserindo-se no convívio social” (LISARDO, 2009, p. 72).

É na Educação Infantil que as crianças têm seu primeiro contato com uma instituição de ensino, portanto nessa fase da educação deve-se estabelecer um elo entre a cultura do aluno e a cultura da escola. Porém o que se percebe em muitas escolas é a imposição de músicas próprias do repertório escolar. “Ensinar música, a partir dessa óptica, significa ensinar a reproduzir e interpretar músicas, desconsiderando a possibilidade de experimentar, improvisar, inventar como ferramenta pedagógica de fundamental

importância no processo de construção do conhecimento musical” (BRITO, 2003, p. 52).

Mosé (2013) afirma que quando o aprendizado não está relacionado com o ato de criar é um mero treinamento, uma imposição de um novo conhecimento. Assim para que o aprendiz seja ativo no processo é preciso que ele seja desafiado a criar, isso também deve acontecer quando se trata da música. “Para que as crianças possam exercer sua capacidade de criar é imprescindível que haja riqueza e diversidade nas experiências que lhes são oferecidas nas instituições, sejam elas mais voltadas às brincadeiras ou às aprendizagens que ocorrem por meio de uma intervenção direta” (BRASIL, 1998, p.27).

O aluno chega à escola conhecendo as músicas de seu mundo e este repertório pode ser ampliado a partir do trabalho do professor e das relações com os colegas, e “os gestos, movimentos corporais, sons produzidos, expressões faciais, as brincadeiras e toda forma de expressão, representação e comunicação devem ser consideradas como fonte de conhecimento para o professor sobre o que a criança já sabe” (BRASIL, 1998, p.33). Por meio desta pesquisa busca-se atender ao questionamento inicial: quais os benefícios de

se trabalhar com música na Educação Infantil? Portanto, ao final do presente trabalho espera-se comprovar que a música é essencial para o desenvolvimento integral das crianças na Educação Infantil. Para isso, constitui como objetivo geral investigar os benefícios do trabalho com música para os alunos da Educação Infantil.

## MATERIAL E MÉTODOS

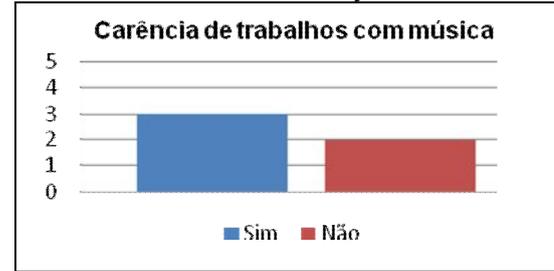
O trabalho se organiza, inicialmente, em uma pesquisa bibliográfica fundamentada em documentos oficiais da educação e em autores como Brito (2003) e Mosé (2013), sendo que essa obra referenciada concentra entrevistas com educadores renomados que contribuem com suas ideias na construção deste trabalho. Num segundo momento, em uma pesquisa de campo submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da FEPI que foi realizada por meio de aplicação de questionários a vinte e um profissionais da Educação Infantil sendo cinco coordenadoras, doze professoras regentes e dois professores de música. Participaram da pesquisa cinco escolas envolvendo os municípios de Brazópolis, Itajubá e Piranguinho, da região sul do estado de Minas Gerais. Três escolas são da rede pública, duas da rede particular.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A música é essencial para o desenvolvimento das crianças, principalmente no que diz respeito à sensibilidade, expressão e criatividade. Assim, deve ser valorizada pela escola e utilizada pelos professores de forma consciente nas aulas. Diante da grande importância da música na Educação Infantil vê-se a carência de profissionais capacitados e dispostos a desenvolver nas crianças a criatividade e expressividade musical. E o que se percebe nas salas de aula é que a música vem sendo utilizada como suporte para a realização de tarefas e manter a ordem. Nas atividades diárias “a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói” (BRASIL, 1998, p.46).

Com base na pesquisa de campo foi possível observar que os profissionais reconhecem a importância da música para o desenvolvimento das crianças, porém alguns professores afirmam não desenvolver projetos musicais nas aulas. No que se refere à carência de trabalhos com músicas nas aulas três das cinco coordenadoras entrevistadas responderam que percebem essa carência nas atividades diárias (Figura 1).

Figura 1 – Carência do uso de música em atividades na Educação Infantil



Fonte: Dados da pesquisa

## CONCLUSÕES

Por meio deste trabalho de pesquisa foi possível discutir a importância da música como uma expressão de arte, que pode ser utilizada como instrumento para o pleno desenvolvimento do ser humano, portanto destacou a necessidade de sua utilização nas escolas, especialmente na Educação Infantil. Foi possível, também, por meio da análise evidenciar que a criança é um ser em constante desenvolvimento e assim suas capacidades devem ser estimuladas pela família e pela escola. A curiosidade e a criatividade são características desta faixa etária, porém o que se percebe é que essas habilidades vão diminuindo devido a falta de estímulos. Diante da necessidade da formação estética das crianças em instituições de Educação Infantil, verifica-se que a música é uma ferramenta que proporciona evolução dos educando em diversos aspectos e que por vezes não é levada em consideração, mesmo que isso seja de conhecimento dos profissionais envolvidos. A pesquisa foi de grande valia e importância, possibilitou ampliar a visão sobre a relevância da música na Educação Infantil como recurso no desenvolvimento da sensibilidade dos alunos e não apenas como uma estratégia de controle dos mesmos. Por outro lado, foi possível constatar que as escolas que conferem maior valor à música nas atividades escolares, possuem projetos musicais e encontram o apoio da família para estas atividades. Vindo confirmar as hipóteses levantadas no início deste trabalho de que a música é essencial para o desenvolvimento integral das crianças nessa fase de ensino. Espera-se que a presente pesquisa venha contribuir para futuras pesquisas, sugere-se o estudo e a organização de propostas de trabalho com a música na Educação Infantil por meio de projetos específicos, que tenham uma definição de seus objetivos, almejando atingir uma educação integral dos educandos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretária de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, V.1 e V.3

BRITO, Teca Alencar. **Música na Educação Infantil**: propostas para formação integral da criança. São Paulo: Petrópolis, 2003

LISARDO, Hernany. **Música e inclusão social**: construindo novos paradigmas. Betim, 2009.

MOSÉ, Viviane. **A escola e os desafios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

## A importância da tecnologia no processo Ensino- Aprendizagem.

Suzimara Gonçalves Vieira<sup>(1)</sup> <sup>(2)</sup> Jasiele Aparecida de Oliveira Silva

<sup>1</sup>Graduanda de Pedagogia em Centro Universitário de Itajubá – FEPI. E-mail: [marasuzivieira@gmail.com](mailto:marasuzivieira@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente do curso de Pedagogia do Centro Universitário de Itajubá - FEPI, Mestre em Educação. E-mail: [Jasiele\\_oliveira@yahoo.com.br](mailto:Jasiele_oliveira@yahoo.com.br)

---

### RESUMO

O presente trabalho visa apresentar o auxílio da tecnologia no processo de ensino-aprendizagem, proporcionando aulas mais dinâmicas e interessantes, fazendo com que essas ferramentas sejam utilizadas para facilitar o aprendizado, dos conteúdos da sala de aula, viabilizando o aprendizado de forma diferenciada desenvolvendo estudos que oportunizem a inserção da Internet na Escola no aspecto pedagógico, de forma a conceber possibilidades e experiências de aprendizagem que beneficiem a construção do conhecimento, atribuindo ao aluno meios que lhe motivem a tirar proveito da tecnologia ao longo da vida.

Palavras-chave: Tecnologia - ensino – aprendizagem - Educação

---

### INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje é muito comum ver crianças, jovens e adultos manuseando smartphones, tablets, notebooks e entre outros nos mais variados contextos. “Nos dias de hoje estamos on-line com todo o mundo, vivendo em tempo real de forma integrada e global. As notícias chegam a cada segundo de todas as partes do mundo, e cada informação pode ser uma nova e decisiva variável que poderá afetar a todos nós” (RODRIGUEZ, 2002). Na maioria das vezes as crianças descobrem como fazer o uso desses equipamentos sozinhos, sem que uma pessoa adulta o auxilie.

Desde muito cedo as crianças iniciam o contato com os equipamentos tecnológicos em seu dia-a-dia, e em seu ambiente familiar afirma Viana (2004). Este contato, incorpora informações e conhecimentos, devido ao rico material para exploração de imagens e sons tornando um ambiente lúdico e atrativo.

Chiofi (2014) declara que o uso dos aparelhos eletrônicos na sala de aula, ainda é visto por muitos profissionais como um empecilho para a aprendizagem, percebemos que os avanços tecnológicos muitos docentes ainda não estão

preparados para esse fato social e histórico, especialmente quando nos remetemos à educação escolar, por outro lado os professores enxergam as ferramentas tecnológicas como uma distração do estudante na sala de aula, pois são utilizados em excessos pelo mesmo tornando-se algo que não agrega no processo ensino-aprendizagem sendo assim não o utilizam a favor da educação.

Sengundo Moran (2005) “Alunos estão prontos para o uso das tecnologias, professores, em geral, não. Os professores que não dominam as novas tecnologias, tentam segurar o máximo que podem, fazendo pequenas concessões, sem mudar o essencial. Com isso mantêm uma estrutura repressiva, controladora e repetidora. Os professores sabem que precisam mudar, mas não sabem como”. As instituições de ensino deveriam dispor de um currículo bem elaborado para que os professores fossem capacitados sendo assim criassem interesse em melhorar constantemente as aulas, através do uso dos equipamentos tecnológicos tornando assim as aulas mais interessantes pelos estudos, e passassem a ser ativos, e passem a buscar constantemente adquirir novos conhecimentos

O uso dos

do trabalho

equipamentos tecnológicos de forma saudável em sala de aula auxilia no processo de ensino-aprendizagem, pois o aluno passa a desenvolver hipóteses, testar, analisar resultados e refinar os seus conceitos, estimulando-o em múltiplos sentidos, como afirma (VALENTE,1999) “No entanto, o computador pode enriquecer ambientes de aprendizagem onde o aluno, interagindo com os objetos desse ambiente, tem chances de construir o seu conhecimento.

Devemos pensar em como trabalhar com essas tecnologias em sala de aula, certamente a maioria dos estudantes dispõe de um aparelho de celular, tablet ou computador. Como afirma Lobo (2015) o ideal seria conscientizar os alunos que esses mecanismos que eles trazem para sala de aula podem ser muito úteis, em relação aos conteúdos utilizados pelos professores, sendo assim o docente deve estimular o aprendizado do aluno, gerando nele a curiosidade em explorar, em pesquisar, e investigar a informação mais relevante.

É de extrema importância orientar os estudantes a como pesquisar, utilizar as plataformas contidas no aparelho para fins escolares, auxiliá-los a disseminarem conteúdos que sejam relevantes, a fazerem pesquisas em sites confiáveis e entre outros.

Sendo assim o professor deve entusiasmar o uso dos recursos tecnológicos.

O docente que utiliza a internet em suas práticas pedagógicas, faz com que a aprendizagem se torne mais dinâmica e significativa, mas para que isso aconteça é preciso que ocorra uma mudança dos paradigmas educacionais, fazendo com que ocorra uma sensibilização sobre o uso consciente das tecnologias como ferramenta e recurso aliado ao ensino, fazendo com que não possua abstração dos estudantes ,para que se tenham verdadeiramente eficiência no processo ensino-aprendizagem como afirma Mórán (1999).

## MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho busca expor a importância do uso da tecnologia no processo ensino-aprendizagem onde a pesquisa bibliográfica foi feita a partir da análise de livros e artigos científicos sendo esses Scielo e Google acadêmico, com isso essa pesquisa científica baseia unicamente na pesquisa bibliográfica, buscando referências teóricas visando recolher informações sobre o uso da tecnologia na educação. Por fim, a conclusão

buscou mostrar como o uso da tecnologia pode agregar nas aulas e no desenvolvimento do conhecimento dos alunos.

## RESULTADOS

Pode-se observar que a tecnologia é entendida como um grande empecilho na sala de aula, ela vem sendo pouco usada como auxílio no processo ensino-aprendizagem, por dois motivos, a falta de capacitação dos professores para e por ter sua funcionalidade interpretada de maneira incorreta no contexto de aprendizagem.

O uso das ferramentas tecnológicas possibilita ao aluno uma aula mais criativa, participativa e contextualizada com a realidade vivida pelos alunos.

## CONCLUSÕES

Portanto podemos concluir que o uso desses mecanismos de forma correta faz com que as aulas se tornem mais interessantes, sendo assim os professores devem buscar meios de atrair a atenção destes alunos, que dispersam e perdem o interesse facilmente. As aulas devem ser mais dinâmicas e participativas, fugindo do método passivo de ensino anterior.

## REFERÊNCIAS

FAUSTINO, F. S. **Tecnologia, inovação e educação: a tecnologia como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem.** Itajubá, 2016.

CHIOFI, L. C; Oliveira. M. R. F. O uso das tecnologias educacionais como ferramenta didática no processo de ensino e aprendizagem. **III JORNADA DE DIDÁTICA: desafios para a docência e II seminário de pesquisa da CEMAD,** 2014.

Lobo, A. S. M. O uso das TICs como ferramenta de ensino-aprendizagem no Ensino Superior. **Caderno de Geografia,** v.25, n.44, 2015

MORÁN, J. Manuel. **Internet no ensino transforma o papel do professor, exigindo dele maior atenção para orientação e acompanhamento do aluno.** São Paulo: 17 a 26 jan/abr. 1999.

MORAN, J. M. **Integração das Tecnologias na Educação.** In: Salto para o Futuro. Brasília: Posigraf, 2005.

M.V.R.Y. RODRIGUEZ,  
**Organizações que aprendem.** Rio de Janeiro: Qualitymark: Petrobras, 2002.

VIANA, M. A. P. **Internert na Educação:** Novas formas de aprender, necessidades e competências no fazer pedagógico. in: MERCADO, L.P.L.(Org.). Tendências na utilização das tecnologias da informação e comunicação educação. Maceió: EDUFAL, 2004.

VALENTE, J. ARMANDO (Org.) **O computador na sociedade do conhecimento**, 1999.

## RECURSOS PARA ESTÍMULO DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇA AUTISTA – UM ESTUDO DE CASO

**Anna Bianca Siqueira Weber de Assis<sup>(1)</sup>; Vanessa Aparecida Santos<sup>(2)</sup>**

<sup>1</sup>Graduanda de Pedagogia em Centro Universitário de Itajubá – FEPI. E-mail: annabiancaweber@hotmail.com

<sup>2</sup>Orientadora/Professora no Curso de Licenciatura em Pedagogia. Centro Universitário de Itajubá – FEPI. E-mail: vanessaasts@gmail.com

---

### RESUMO

O presente artigo apresenta o relato de uma experiência vivenciada com um aluno com diagnóstico de autismo. Ao iniciar o acompanhamento de um aluno autista, foi possível observar que aluno se encontrava com grande dificuldade de interação e certa resistência ao ambiente escolar, além de atraso em seu desenvolvimento intelectual em relação aos demais alunos da classe. A fim de tentar mudar este cenário recursos foram utilizados para estimular o aluno e auxiliar em sua independência, utilizando de métodos e recursos acessíveis para mudar seu quadro inicial, visando entrosá-lo no ambiente escolar e social, além de promover o crescimento intelectual e emocional. Ao final do processo, o aluno apresentava muito bons resultados, inclusive superando algumas expectativas. Este trabalho teve como objetivo relatar sobre métodos e técnicas acessíveis utilizadas para trabalhar com um aluno diagnosticado autista que se encontrava em um quadro de desinteresse, resistência em relação ao ambiente escolar e desnível de acordo com a turma em que se encontrava.

Palavras-chave: Autismo – Aluno – Desenvolvimento – Recursos – Métodos.

---

### INTRODUÇÃO

A muitos anos o autismo vem sendo estudado para que se possa compreender as causas do transtorno. O indivíduo nessa condição, apresenta prejuízo na interação social, alterações na comunicação e padrões limitados ou estereotipados. (KLIM, 2016, p.11)

Baseado nas ideias de Carothers e Taylor (2004), o propósito de educar uma criança autista é aumentar sua independência, proporcionando-lhe segurança ao executar tarefas do cotidiano, além de melhorar sua qualidade de vida. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo relatar sobre métodos e técnicas acessíveis utilizadas para trabalhar com um aluno diagnosticado autista que se encontrava em um quadro de desinteresse, resistência em relação ao ambiente escolar e desnível de acordo com a turma em que se encontrava.

Segundo Bosa (2006) alguns autores salientam quatro alvos básicos de qualquer

tratamento do autismo, que devem ser seguidos para que haja sucesso no trabalho desenvolvido: 1) estimular o desenvolvimento social e comunicativo; 2) aprimorar o aprendizado e a capacidade de solucionar problemas; 3) diminuir comportamentos que interferem com o aprendizado e com o acesso às oportunidades de experiências do cotidiano; e 4) ajudar as famílias a lidarem com o autismo.

Para se iniciar o trabalho com o aluno, foi necessário primeiramente observá-lo, deixando-o seguir sua rotina normalmente e sem fazer grandes interferências. Após observá-lo, foi possível fazer algumas constatações e assim traçar os caminhos a serem seguidos.

No segundo momento, já compreendendo um pouco da rotina e da forma de se conduzir do aluno, foi necessário adentrar o mundo e conquistar um contato afetivo com o mesmo, exatamente como sugere Schwartzman & Assunção Junior (1995). Para isso, aos poucos foram sendo realizadas interações e contatos físicos, sempre deixando o educando

livre para

realizar qualquer contato desejado ou não realizar contato algum. Passado algum tempo o aluno passou a dar abertura para que fossem feitas pequenas intervenções. Com o contato afetivo estabelecido, passou-se a apresentar para o educando os benefícios e prazeres do ambiente escolar, para que assim fosse quebrada a resistência inicial que o mesmo apresentava do ambiente educacional. Sempre em parceria com a professora regente, foram sendo elaboradas atividades que cativassem e ao mesmo tempo trabalhassem o lado afetivo. Ao ver que a resistência à escola e o desinteresse haviam diminuído, introduziu-se o conteúdo escolar e passou-se à preocupação em levar o aluno a atingir o nível desejado.

Como era possível ver que o educando se sentia desmotivado por não estar de acordo com os demais alunos da classe, foram utilizados alguns pequenos métodos de incentivo como adesivos que eram dados quando as atividades eram realizadas por completo ou quando o aluno mostrava-se dedicado ao conteúdo trabalhado.

Procurando sempre incentivar a criança em questão, utilizou-se dos pontos de interesse da mesma para que ela se sentisse cativada pelo ambiente escolar. Foram utilizadas revistinhas de colorir com atividades educativas simples, adesivos, brincadeiras e momentos de interação com os outros alunos que eram fonte de admiração para o educando, promovendo assim o desenvolvimento social desejado. Após cada atividade realizada com sucesso, o aluno tinha direito a se sentar um pouco com o aluno que desejasse, ou a colorir um desenho, ou brincar com a monitora do que desejasse.

As atividades curriculares foram trabalhadas a princípio com assistência de leitura, sempre estimulando a participação do aluno em questão, seguido de momentos em que se dava prosseguimento a leitura segundo o que o aluno conseguia interpretar, geralmente o material era ilustrado com figuras, o que facilitava muito o processo.

Para o desenvolvimento da área de exatas, em um primeiro momento, optou-se pela utilização do material que o aluno já possuía em seu estojo: lápis, canetinha, borracha, apontador. Posteriormente, o aluno foi se adaptando aos materiais próprios do ambiente escolar, como por exemplo o material dourado.

Neste ínterim foi ficando cada vez mais evidente o grande crescimento alcançado pela criança nos vários aspectos já mencionados. Ela já se fazia capaz de iniciar diálogos, manter relacionamentos, participar e ter iniciativa em brincadeiras dos outros colegas, se posicionar, realizar trocas, opinar, manifestar seus sentimentos, expor suas

dúvidas, realizar

algumas atividades sem necessitar de auxílio, demonstrar grande interesse pelo aspecto educacional e a socialização com todos os envolvidos no processo educacional, demonstrando cada vez maior interesse pelo ambiente e atividades escolares.

Desde então, a criança passou a desenvolver diária e espontaneamente novas habilidades, deixando manifesto ainda a grande necessidade de interação físico emocional.

## MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado em uma sala de aula, de uma Escola Municipal da cidade de Itajubá. O aluno que foi sujeito a pesquisa, foi acompanhado no período de 2º e 3º ano. Para a realização da presente pesquisa, feita por uma aluna do curso de Pedagogia, foram utilizados além de pesquisas bibliográficas, a observação, diálogo, atividades adaptadas, sempre visando despertar o interesse do aluno em questão.

Foram utilizados materiais de apoio como lápis, lápis de cor, canetinha, quadro negro, material dourado e também métodos de incentivo como adesivos, livros de atividade e pintura, pequenos objetos como anéis, tiaras, todos adquiridos em lojas populares. Estes eram presenteados à criança, num esquema de reforço positivo, a cada finalização satisfatória de suas atividades, além de estimular a assiduidade.

Os lápis, lápis de cor, canetinha, além de servirem para escrita, desenho e pintura, também foram utilizados como material concreto na execução de operações matemáticas. O quadro negro foi utilizado para desenhar esquemas de raciocínio. E o material dourado, foi fundamental para que a criança conseguisse compreender os conceitos de operações matemáticas, principalmente a multiplicação.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho, bastante desafiador e estimulante, desenvolvido com o aluno, necessitou de grande envolvimento do mesmo. Logo de início foi possível observar a grande necessidade de haver total envolvimento emocional e afetivo de todos, pois só a partir desse envolvimento existiria abertura para se trabalhar com os demais aspectos.

Com o desenrolar de todo o trabalho, foi possível notar claramente um grande interesse do aluno pelos estudos e um grande desenvolvimento em seus aspectos físicos, emocionais, intelectuais, sendo possível perceber a vontade da criança em ir para a escola, aprimorando a leitura e a escrita, realizando cálculos matemáticos, participando

de atividades

em grupo, brincando e interagindo com os colegas, mostrando interesse por diferentes áreas, socializando com todos ao seu redor e demonstrando satisfação em conseguir progredir em todas as áreas já citadas. Sendo assim, os métodos e recursos utilizados inicialmente como forma de incentivo foram passando a ser menos necessários e a criança foi mostrando maior independência. (HUME, Kara; LOFTIN, Rachel; LANTZ, Johanna., 2009)

## CONCLUSÕES

Com o trabalho desenvolvido foi possível notar que ao utilizar de métodos e recursos adequados e adaptados de acordo com as características e centros de interesse do aluno (COELHO; SANTO, 2006), houve um grande avanço e desenvolvimento do mesmo, sendo esses métodos e recursos diferenciados essenciais para o sucesso do estudo realizado. Além disso, constatou-se que o aluno autista necessitava do entozamento emocional e físico para que então desse abertura para a evolução dos demais aspectos. Por fim, com o estudo realizado, ficou evidente que os métodos de incentivo, mesmo que pequenos e simbólicos, são grandes estímulos para despertar o interesse do aluno pelo ambiente escolar e pelo convívio social.

## REFERÊNCIAS

BOSA, C. A. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 28, p. 47-53, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a07v28s1.pdf> < Acesso em: 12 ago. 2017.

ASSUMPÇÃO, F. B. J.; SCHWARTZMAN, J. S. **Autismo Infantil**. São Paulo: Memnon, 1995.

CAROTHERS, D. E. ; TAYLOR, R. L. **Como pais e educadores podem trabalhar juntos para ensinar habilidades básicas de vida diária para crianças com autismo**. 2004. Disponível em: <http://www.ama.org.br/site/images/home/Artigos/Comopaiseeducadorespodemtrabalharjuntos.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2017.

ROBINSON, J. E. **Olhe nos meus olhos: minha vida com a síndrome de Asperger**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008. 255 p.

HUME, K.; LOFTIN, R.; LANTZ, J. **Aumentando a Independência nos Transtornos do Espectro Autista: Uma**

Revisão de Três

Intervenções Focadas. 2009. Disponível em: <http://www.ama.org.br/site/images/home/ArtigoA/VejatresintervencoesquecontribuemparaesseVejatre.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2017.

KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a02v28s1.pdf> Acesso em: 16. Ago. 2017.

COELHO, M. M; SANTO, A. M. E. **Autismo "Perda de contacto com a realidade exterior"**. Castro Verde, 2006.

## A REALIDADE DOS ALUNOS DA ZONA RURAL QUE NECESSITAM ESTUDAR NA ZONA URBANA

Ana Ingrede Machado Simões<sup>(1)</sup>; Elizabeth da Silva<sup>(2)</sup>.

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá – FEPI (2017), [ana\\_ingrede96@hotmail.com](mailto:ana_ingrede96@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduada em Letras pela Fundação de Ensino e Pesquisa de Itajubá – FEPI (1984) e mestre em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté (2009), [elizabethfai@hotmail.com](mailto:elizabethfai@hotmail.com).

---

### RESUMO

Alunos que residem na zona rural quando ingressam em uma escola situada na zona urbana se deparam com uma realidade diferente daquela que lhe é própria. A presente pesquisa tem o objetivo de analisar as dificuldades enfrentadas por alunos da zona rural que precisam se deslocar para uma escola na zona urbana, devido ao fechamento ou pela inexistência de escolas próximas a sua residência. O estudo se desenvolve por meio de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo. Fundamenta-se em documentos oficiais e em autores que abordam a temática em questão. Nesse sentido, a presente pesquisa pretende verificar os direitos previstos nos documentos oficiais que são garantidos a esses alunos, os desafios enfrentados e como a desvalorização da cultura local pode influenciar no desenvolvimento dessas crianças. Considera-se fundamental uma adaptação na escola para que estes alunos sintam-se incluídos, faz-se necessário conscientizar os professores sobre a importância do respeito pela cultura de origem dos alunos da zona rural. É fundamental relacionar os conteúdos trabalhados nas aulas à realidade desses alunos para que consigam se envolver no trabalho docente e perceber o valor que cada cultura tem para o desenvolvimento do indivíduo como um todo. Esta pesquisa serve de base para outros trabalhos que possam se desenvolver tendo o aluno do meio rural como centro de investigação.

Palavras-chave: Aluno. Zona rural. Educação. Cultura. Valorização.

---

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda questões relacionadas à realidade de alunos que residem na zona rural, que necessitam estudar em uma escola situada na zona urbana e que acabam se deparando com uma realidade diferente daquela vivida por eles. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205 garante que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1998, p.121). Nessa situação os alunos sofrem um grande impacto por terem que se deslocar do seu bairro e ainda se deparam com uma prática escolar que é desconhecida. Ao contrário do que garantem as Políticas Públicas, a escola muitas vezes não tem um papel igualitário, assumindo uma posição que exclui as minorias. “A escola deve permitir que as crianças compartilhem entre si seus modos de

vida em uma perspectiva de respeito às diferenças” (CARVALHO, 2014, p.7). No caso de alunos da zona rural, o que se percebe é um forte preconceito pelo seu modo peculiar de vida e não valorização de sua cultura. Esta situação favorece para que o aluno da zona rural tenha dificuldades em aceitar sua própria identidade e não se sinta acolhido pela escola, acarretando muitas vezes no fracasso escolar. Como afirmam Batista e Cruz (2011, p.2) “Não aceitar ser um sujeito do campo é uma dificuldade que nasce juntamente com o período da educação escolarizada, sabe-se que dentro das escolas existem muitas adversidades que reforçam este modo de pensar, todas as adversidades deste período contribuem de forma negativa para a formação da identidade dos sujeitos que moram nas regiões rurais do nosso país”. O interesse em falar desse assunto surgiu por presenciar situações em que alunos vindos da zona rural são excluídos por terem um modo de vida, diferente dos demais alunos. Percebeu-se a necessidade de fazer um estudo sobre as

## dificuldades

enfrentadas por esses alunos e como a escola pode interferir para que essa diferença cultural seja respeitada e não prejudique o desenvolvimento do aluno. Como salienta Silva (2013, p.5) “Ignora-se que a vida no campo reúne conhecimentos e saberes que vão muito além dos conteúdos formais e livrescos; deixa-se, em outras palavras, de se buscar uma formação social dos alunos, que seguramente ampliará a visão de mundo deles”. Diante desse contexto, levantou-se a seguinte questão problema, quais os desafios que o aluno da zona rural enfrenta ao frequentar uma escola da zona urbana? Tal questionamento resultou na hipótese de que este aluno enfrenta dificuldades no deslocamento de sua casa até a escola e ainda ocorre um choque entre as culturas e uma escola que não se preocupa em incluí-lo de fato. Este trabalho tem como objetivo principal discutir sobre a realidade do aluno da zona rural que necessita estudar na zona urbana, para isso faz-se necessário conhecer as Políticas Públicas que tratam a educação como um direito de todos, identificar os impactos do deslocamento da criança da zona rural para meio urbano e reconhecer as possíveis atitudes do professor que facilitem a adaptação do aluno do meio rural em escolas do meio urbano.

## MATERIAL E MÉTODOS

O estudo é realizado por meio de pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo em documentos oficiais, artigos acadêmicos e livros, pautando-se principalmente nas obras de Batista e Cruz (2011), Brunelo e Stubs (2014), Carvalho (2014) entre outros.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante de tantas dificuldades enfrentadas por alunos de zona rural que estudam em uma escola da zona urbana, percebe-se que a conduta utilizada pela escola e a visão que se tem do morador da zona rural são equivocadas, não estão de acordo com as Políticas Públicas que garantem igualdade de educação para todos. Segundo Carvalho (2014, p.6) “O reconhecimento do modo próprio de vida no campo e a possibilidade de junção da cultura local com a cultura escolar em busca da sistematização do conhecimento dá um novo significado à aprendizagem, reafirma as raízes dos educandos e materializa a educação contextualizada”. A postura da escola pode favorecer para que o aluno da zona rural seja colocado em uma posição inferior a dos demais alunos, o que afeta diretamente no processo da aprendizagem. De acordo com Brunelo e

Stubs (2014), nas práticas de sala de aula, os alunos do campo sofrem discriminação, são considerados atrasados e ignorantes. Esse aluno mesmo concluindo o ensino básico não se sente preparado para uma vida ativa na sociedade. Ao frequentar a escola, sua cultura não é valorizada, os conteúdos oferecidos a ele não são compatíveis com sua realidade, o que torna a aprendizagem um processo sem sentido. Brunelo e Stubs (2014, p. 3): Considerando as dificuldades e os problemas enfrentados pelos camponeses, quanto a sua permanência e a sua valorização, é necessário defrontar desafios que buscam dissipar concepções e estruturas sociais que denunciam atitudes de preconceitos. A sociedade tem a visão de que a população rural é inferior, as práticas escolares excludentes são o reflexo disso e acabam preservando e reforçando essa visão. Porém, para mudar essa situação é fundamental que a escola assuma uma atitude que busque a valorização da cultura rural, respeitando os diversos modos de vida.

## CONCLUSÕES

Por meio deste trabalho de pesquisa foi possível discutir sobre a Educação como direito assegurado a todo cidadão brasileiro por diversos documentos oficiais, mas que por vezes esses direitos não são respeitados, resultando no analfabetismo e conseqüentemente no fracasso escolar. Estratégias utilizadas pelo governo, como a nucleação, que buscam uma melhor qualidade de ensino, devem ser avaliadas, pois se não forem bem estruturadas acarretam no insucesso escolar. A partir da pesquisa desenvolvida evidencia-se que os alunos da zona rural que necessitam estudar em escolas localizadas na zona urbana enfrentam diversos obstáculos que envolvem o deslocamento desgastante de suas casas até a escola, todos os dias; dificuldades na adaptação quanto à linguagem utilizada no ambiente escolar; expressões culturais diferenciadas; realidade social; entre outros, confirmando-se a hipótese levantada inicialmente. O modo peculiar de vida desses alunos em questão muitas vezes não é aceito pela sociedade urbana, fazendo com que eles se tornem alvo de atitudes preconceituosas e conseqüentemente não se sintam aceitos pela escola. Desta forma reconhece-se a necessidade de toda comunidade escolar se empenhar para que o aluno da zona rural sinta-se acolhido e valorizado pela escola. Uma alternativa é o desenvolvimento de projetos e atividades que busquem a valorização da cultura rural como iniciativa para resgatar o valor dessa população. Diante de tantas dificuldades enfrentadas pelos

alunos em frequentar escolas núcleo, situadas na zona urbana, constata-se a importância da permanência dos alunos rurais em sua própria localidade, em escolas do campo, nas quais os conteúdos abordados são significativos e úteis para as atividades diárias de sua realidade, onde toda estrutura escolar é preparada para atender a peculiaridade desses alunos. A pesquisa foi de grande relevância possibilitando uma visão ampla sobre a realidade de alunos da zona rural que estudam na zona urbana e como a escola pode contribuir para que o preconceito que existe sobre o homem do campo, seja amenizado. Como contribuição para futuras pesquisas, sugere-se que seja feito um estudo aprofundado por meio de uma pesquisa de campo sobre o funcionamento da 3ª pedagogia da alternância, buscando conhecer as vantagens desta modalidade para os alunos das zonas rurais da região do sul de Minas Gerais.

7%C2%BA%20Per%C3%ADodo/Ana  
%20Ingrede/TCC/2%C2%BA%20Cap%C3%A  
Dtulo/2014\_uem\_hist\_artigo\_lenira\_sa  
mpaio\_stubs.pdf. Acesso em: 02/04/2017.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição Federal. Diário Oficial da União, Brasília: DF, 05 outubro de 1988.

CARVALHO, Leila Lobo; PEREIRA, Edna Neves; MARQUES, Tatyane Gomes. A construção da identidade da criança do campo no contexto de uma escola do município de Guanambi-BA. [2014]. Disponível em: [http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade\\_2datahora\\_16\\_06\\_2014\\_17\\_29\\_01\\_idinscrito\\_508\\_f85fec2a56891ff8a2de76fa29253e9.pdf](http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_2datahora_16_06_2014_17_29_01_idinscrito_508_f85fec2a56891ff8a2de76fa29253e9.pdf) Acesso em: 17/03/2017.

CRUZ, Rosana Aparecida da; BATISTA, Ellen EluizaKosliak. Onde está o problema em ser um sujeito do campo?[2011]. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana%20Claudia/Downloads/A40-ONDE%20ESTA%20O%20PROBLEMA%20EM%20SER%20SUJEITO%20DO%20CAMPO.pdf> Acesso em: 02/04/2017.

SILVA, Eliane de Souza. Um novo olhar sobre a identidade dos sujeitos e os processos educativos da escola do campo no município de Campo Magro, no estado do Paraná. [2013]. Disponível em: [http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada11/artigos/8/artigo\\_si\\_mposio\\_8\\_835\\_eliane.enaile@hotmail.com.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada11/artigos/8/artigo_si_mposio_8_835_eliane.enaile@hotmail.com.pdf) . Acesso em: 17/03/2017.

STUBS Lenira Sampaio; BRUNELO Leandro. A valorização do indivíduo do campo e de sua cultura. [2014]. Disponível em: <file:///C:/Users/Ana%20Claudia/Desktop/FEPI/>